

História da Umbanda no Brasil
Volume 9

© 2018 – Diamantino Fernandes Trindade

História da Umbanda no Brasil – Vol. 9 Diamantino Fernandes Trindade (Org.)

Todos os direitos desta edição reservados à
CONHECIMENTO EDITORIAL LTDA.

Fone/Fax: 19 3451-5440

www.edconhecimento.com.br

vendas@edconhecimento.com.br

Nos termos da lei que resguarda os direitos autorais, é proibida a reprodução total ou parcial, de qualquer forma ou por qualquer meio – eletrônico ou mecânico, inclusive por processos xerográficos, de fotocópia e de gravação –, sem permissão, por escrito, do Editor.

Projeto gráfico: Sérgio Carvalho

Ilustração da capa: Banco de imagens

ISBN 978-85-7618-449-2

1ª edição – 2018

• Impresso no Brasil • Presita em Brasília

Produzido no Departamento Gráfico de
CONHECIMENTO EDITORIAL LTDA
Rua Prof. Paulo Chaves, 276 – 13485-150
Fone: 19 3451-5440 — Limeira – SP

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Angélica Ilacqua CRB-8 / 7057)

Trindade, Diamantino Fernandes.

História da Umbanda no Brasil - Notícias históricas da macumba - Vol. 9 : / Diamantino Fernandes Trindade (Org.) — Limeira, SP: Editora do Conhecimento, 2018.

194 p. : il.

ISBN: 97-85-7618-449-2

1. Umbanda - História - Brasil 2. Perseguição religiosa - Umbanda I. Trindade, Diamantino Fernandes

18-1274

CDD – 299.672

Índice para catálogo sistemático:

1. Umbanda - História

Diamantino Fernandes Trindade
(organizador)

História da Umbanda no Brasil

Notícias históricas da macumba
Volume 9

1ª edição – 2018





Figura 1: Logo da Casa de Cultura Umbanda do Brasil.

Esta é uma obra de pesquisa e resgate da História da Umbanda. Os direitos autorais são totalmente revertidos para as atividades da Casa de Cultura Umbanda do Brasil.



Figura 2: Macumba. Di Cavalcanti - 1958.

Dedicatória

Para todos os Pais e Mães espirituais dos cultos afro-brasileiros que dignificam nossas tradições religiosas.

Para os queridos irmãos Cristian Siqueira e Adão Lamenza que não medem esforços para resgatar a memória de Seu Sete da Lira e Mãe Cacilda de Assis.

Sou macumbeiro
Sou poeta e brasileiro
Um pé na África
E outro no Rio de Janeiro

(domínio público)

A religião? Um misterioso sentimento, misto de terror e de esperança, a simbolização lúgubre ou alegre de um poder que não temos e almejamos ter, o desconhecido avassalador, o equívoco, o medo, a perversidade. Feitiço pega sempre, sentencia o ilustre Oloô-Tetê, com a sua prática venerável. Não há corpo fechado. Só o que tem é que uns custam mais. Feitiço para pegar em preto é um instante, para mulato já custa, e então para cair em cima de branco a gente sua até não poder mais. Mas pega sempre. Por isso preto usa o assiqui,^[1] a cobertura, o breve, e não deixa de mastigar obi, noz de cola preservativa.

João do Rio

[1] Espécie de bentinho, escapulário etc.

É impossível ao historiador a imparcialidade. Desde a coleta de documentos até a redação do trabalho são feitas escolhas, que não são causais. Qualquer tentativa de escrever sobre um fato ou período histórico envolve seleção, julgamento e pressupostos metodológicos. A História não pode ser nunca puramente descritiva, pois sempre haverá elementos de avaliação em qualquer relato. Sendo assim, o máximo que um historiador pode fazer no seu trabalho é alcançar uma face da verdade, que não é absoluta e sim variável de acordo com as condições que se apresentam no momento da escrita.

Sumário

Palavras iniciais	15
Homenagem a João do Rio.....	20
Jubiabá	35
Juca Rosa.....	38
O buraco quente	41
Quando estavam em sessão a polícia deu na macumba	42
Uma macumba visitada pela policia.....	42
Viva Ogunjá!	43
A atuação do Pai Jacob	44
O capim melado promoveu um macumbeiro a Secretário da Câmara Municipal	46
Francisco Guimarães – O Vagalume	47
Pais de Santo e “Pais de Santo”	48
Sua majestade Abedé.....	51
Os babalorixás de Pirai	54
O Meia Hora	56
Os mistérios da mandinga	58
O assassinio do General Pinheiro Machado	62
Os Santos.....	65
O velho Balthazar ou a estrela do Sr. Irineu Machado	67
Sanyu – Dominador do Morro do Pinto	70
Os alufás.....	72
Magia negra	74
Como o Espiritismo melhora a sorte	79
O prefeito de Iguaçú frequenta a macumba de Dona Rosa na Estação do Encantado.....	80
Veneno, um espírito maligno, pôs a macumba em polvorosa... ..	82
A indústria da macumba.....	83

Estavam ao redor da macumba quando a policia chegou	85
A policia deu na macumba.....	86
Realizavam sessões de macumba em Botafogo	88
Guerra às macumbas.....	89
Minha filha foi raptada	90
Banzo	93
Repressão ao Espiritismo.....	95
Orações de sete cópias, crendices e tolices.....	96
Em defesa da nossa fé.....	97
Benzedores.....	98
Curandeiros e espíritas	100
A verdade sobre a macumba	102
A macumba	114
Zé da Ilha – espírito de luz.....	115
Não foi requerida prisão preventiva para os matadores de Zé da Ilha.....	117
Júri sensato	118
Macumba em Caxias	119
O Projeto 259/50.....	125
O Espiritismo no tribunal da razão.....	126
O baixo espiritismo.....	129
Na macumba	130
Exu abriu o terreiro para a festa de Ogum	131
O plano sinistro das macumbas	135
Exu anda solto.....	136
O despacho e a polícia.....	137
A indústria da macumba.....	138
O verdadeiro culto a São Jorge.....	139
Carta aberta ao Sr. José Alvares Pessoa.....	143
Macumba na Alemanha	146
O frade feiticeiro	150
O que seria um hospital de Umbanda?	151
No reino da macumba	155
A magia	157
A nação surpreendida com a macumba nas TVs	160
A cachoeira da macumba.....	163
Praia da Macumba.....	163
Pai Pedro Miranda	164
Galeria de imagens.....	168
Sobre o autor	193

PALAVRAS INICIAIS

Caro leitor!

Esta obra estava planejada para oito volumes. No entanto, um rico material chegou a nossas mãos e, assim, produzimos este livro.

No sétimo volume fizemos uma grande abordagem sobre as macumbas e as perseguições religiosas. Retomamos neste livro ao tema com diversas matérias, textos e reportagens.

A macumba é dos mais polêmicos temas dos cultos afro-brasileiros em função do desconhecimento e preconceito da população. A Umbanda se consolidou ritualisticamente a partir das macumbas cariocas.

Podemos perceber, ao longo da obra, a perseguição implacável da polícia e da imprensa aos ritos da macumba e cultos afro-brasileiros em geral. Mesmo com registro na Polícia, os terreiros eram vítimas de batidas policiais constantes. Lendo as matérias percebemos claramente que a imprensa designava de macumba não só os próprios terreiros de macumba, mas, também os de Umbanda e Candomblé. E também, via de regra, generalizam os cultos afro-brasileiros como Espiritismo.

Iniciamos com uma homenagem a João do Rio que escreveu uma obra revolucionária para a época (1904) intitulada *As Religiões do Rio*. Na sequência temos um texto sobre o

famoso babalorixá baiano Jubiabá, pai de santo dos famosos Joaõzinho da Goméia e Orlandino Cobra Coral. Jubiabá foi tema do quarto livro de Jorge Amado. Logo após abordamos alguns aspectos do famoso pai de santo Juca Rosa.

Em seguida temos a matéria do jornal *Cidade do Rio*, de 1902, que mostra uma macumba no morro dos Trapicheiros. O *Imparcial* (BA) aborda a batida policial no candomblé do Procópio. Outro jornal carioca, *A Rua*, apresenta, em 1918, sobre a invasão policial em uma macumba. O mesmo periódico, em 1927, trata do assunto sempre com a presença policial. Em 1926, o jornal *A União* publicava uma matéria sobre a atuação de Pai Jacob que resultou em tragédia para uma família paulistana.

Por incrível que pareça Zélio de Moraes também era chamado de macumbeiro por alguns periódicos cariocas, bem como a Umbanda era denominada de macumba. *A Critica*, em 1928, citava a cura do deputado federal Norival de Freitas na “macumba” de Zélio. Em reconhecimento, o nobre deputado mimoseou Zélio com o cargo da Câmara Municipal.

Apresentamos em seguida várias matérias de Francisco Guimarães na *Critica*, de 1929, que aborda temas palpantes: Os mistérios da mandinga, A caravana negra, grupo liderado por D. Pedro I, que introduziu os feitiços e as mandingas no Brasil em 1820. O assassinio do General Pinheiro Machado, Pais de Santo e “Pais de Santo,” Os Santos, O velho Balthazar, Sanyn – Dominador do Morro do Pinto, Os alufás, Sua majestade Abedé, Os babalorixás do Piraí e O Meia Hora. Antes dessas matérias temos um texto explicando a atuação jornalística de Francisco Guimarães (O Vagalume) na *Critica*.

A *Revista da Semana*, em 1930, publicou um interessante conto de Aurélio Pinheiro, intitulado “Magia Negra”. O jornal *A Batalha*, em 1930, apresenta a matéria “Como o Espiritismo Melhora a Sorte”. O mesmo periódico, em 1932, mostra uma matéria sobre sessões secretas onde foram manipulados vários despachos fortes, a pedido de Sebastião de Arruda, que não queria deixar a Prefeitura de Iguaçú. Ainda *A Batalha*, no mesmo ano, fez uma abordagem sobre um espírito maligno em uma macumba. Continuamos no mesmo ano e o mesmo

periódico com uma matéria sobre a indústria da macumba. Ainda na *A Batalha*, em 1933, encontramos uma abordagem sobre uma invasão policial em um trabalho para Ogum. Uma reportagem do mesmo ano trata do mesmo assunto. Fechando esta série de reportagens de *A Batalha* temos a matéria, de 1934, sobre sessões de macumba em Botafogo.

A Nação, em 1936, trás uma matéria sobre a guerra às macumbas às macumbas. Ainda em 1936 uma notícia foi publicada sobre o rapto de uma menina que foi conduzida a um terreiro em Irajá. Banzo é uma toada sertaneja de Murillo Mendes publicada pelo mesmo jornal em 1937.

O jornal *A Ordem*, em 1937, aborda a repressão ao Espiritismo e a magia negra. A Revista *Excelsior*, em 1939, apresenta um texto sobre as famosas correntes de orações.

A Cruz era um jornal católico carioca. Diversas matérias desse periódico serão apresentadas nesta obra. Fica claro e notório o preconceito da Igreja Católica sobre as práticas da macumba e da Umbanda. A primeira matéria, de 1939, aborda a defesa da fé católica contra o abuso dos nomes dos santos católicos por parte dos cultos afro-brasileiros. A segunda, de 1940, fala sobre os benzedores. Em seguida, de 1941, temos um texto sobre curandeiros e espíritas.

Diretrizes, de 1941, apresenta um importante inquérito sobre a verdade da macumba, onde são abordados temas como: exploração dos crentes por parte dos macumbeiros, exploração das macumbas pelos meios literários, comerciais, artísticos e turísticos, medicina ilegal, curandeirismo e charlatanismo. Nesse inquérito jornalístico podemos ler as opiniões importantes do professor Henrique Roxo, professor Nóbrega da Cunha, Dr. Arthur Ramos, Edison Carneiro e Aydano do Couto Ferraz. Imagens de uma macumba carioca ilustram o inquérito jornalístico.

A Cruz (MT), em 1946, apresenta uma matéria intitulada "A Macumba". Voltando a *A Cruz* (RJ), em 1950 temos um texto sobre o pai de santo Zé da Ilha. O periódico *Ultima Hora*, em 1952, publica matéria sobre o processo contra os matadores de Zé da Ilha.

Em 1951, a *Revista da Semana*, publicou uma matéria

sobre o julgamento de uma macumbeira em Salvador que foi absolvida por um júri totalmente feminino. *A Ordem*, 1952, trás uma reportagem sobre o Projeto 259/50 que defendia o reconhecimento da Tenda Espírita São Miguel Arcanjo (TESMA) como instituição de educação e assistência social.

O jornal *Ultima Hora*, em 1951, aborda a macumba em Caxias, onde acontecia o rito do famoso Joãozinho da Goméia. O mesmo periódico, em 1954, descreve uma festa de Ogum na Tenda Fé Pela Razão.

Novamente apresentamos matérias do jornal *A Cruz* (RJ). Em 1953 foi publicado o artigo “O Espiritismo no tribunal da razão”. O baixo espiritismo é um artigo de 1954. Ainda em 1954 temos uma história fictícia sobre a presença, em uma macumba, dos presidentes Getúlio Vargas, Rodrigues Alves e Campos Sales. Em 1955 foi publicada a matéria sobre o plano sinistro das macumbas. Do mesmo ano temos uma matéria sobre Exu. Ainda em 1955 o artigo sobre os despachos e a ação policial. Em 1956 temos um texto sobre a indústria das macumbas. No mesmo ano é abordado o verdadeiro culto a São Jorge, palestra proferida pelo Cardeal Dom Jaime Câmara na Rádio Vera Cruz. Em seguida é publicada uma carta aberta (1957), de Antônio Maia, Secretário da Confederação Nacional das Congregações Marianas do Brasil dirigida a José Alvares Pessoa (mais conhecido como Capitão Pessoa), dirigente da Tenda Espírita São Jerônimo e forte opositor às investidas da Igreja Católica no Rio de Janeiro.

A Ordem, 1952, apresenta uma interessante reportagem sobre a macumba na Alemanha.

Retomando as publicações de *A Cruz* (RJ) encontramos um interessante texto do Padre Adalberto Nunes (1957) intitulado “O Frade Feiticeiro” referindo-se ao Frei Boaventura Kloppenburg, profundo conhecedor dos cultos afro-brasileiros e também feroz crítico dos mesmos. Ainda em 1957 temos a matéria sobre o que é um Hospital de Umbanda. No Reino da Macumba é o artigo de 1958. Em 1960 *O Jornal* publicou uma interessante matéria de Pedro Lívio intitulada “A Magia”. Em seguida temos um texto sobre a apresentação de Seu Sete da Lira nos programas do Chacrinha e de Flávio Cavalcanti em

agosto de 1971.

Mostramos em seguida a Cachoeira da Macumba na Cantareira, em São Paulo e a Praia da Macumba no Rio de Janeiro. Encerramos com um texto de Pai Pedro Miranda, desencarnado em nove de fevereiro de 2018.

Desejamos uma boa leitura a todos!

Um saravá profundo!

Diamantino Fernandes Trindade

Hanamatan Ramayane

HOMENAGEM A JOÃO DO RIO

Iniciamos esta obra com uma homenagem a João do Rio que escreveu uma obra revolucionária para a época (1904): *As Religiões do Rio*,^[1] resultado do inquérito efetuado pela Gazeta de Notícias.

João do Rio, pseudônimo de João Paulo Emílio Cristóvão dos Santos Coelho Barreto, nascido no Rio de Janeiro em 5 de agosto de 1881 e falecido em 23 de junho de 1921, foi um jornalista, cronista, tradutor e teatrólogo brasileiro.

Excelente escritor, entre 1900 e 1903, colaborou sob diversos pseudônimos com diversos periódicos cariocas, como *O Paiz*, *O Dia*, *Correio Mercantil*, *O Tagarela* e *O Coiô*. Em 1903 foi indicado por Nilo Peçanha para a *Gazeta de Notícias*, onde permaneceu até 1913.

Transcrevemos da obra *Religiões do Rio* dois textos: *O Feitiço* e *O Culto do Mar*.

No início da obra João do Rio fala de seu interlocutor Antônio:

Antônio é como aqueles adolescentes africanos de que fala o escritor inglês. Os adolescentes sabiam dos deuses católicos e dos seus próprios deuses, mas só veneravam o uísque e o *schilling*. Antônio conhece muito bem Nossa Senhora das Dores, está familiarizado com os Orixás da África, mas

[1] Esta obra é domínio público e pode ser acessada gratuitamente no site: <http://www.dominiopublico.gov.br>.